

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
FUNDAÇÃO SÃO MIGUEL ARCANJO  
PROGRAMA DE EXTRAORDINÁRIO APROVEITAMENTO EM FILOSOFIA-  
LICENCIATURA**

**FARLEI BEZERRA DA SILVA**

**O PROBLEMA DA LIBERDADE  
SEGUNDO O PENSADOR JEAN-PAUL SARTRE**

Anápolis  
2019

**FARLEI BEZERRA DA SILVA**

**O PROBLEMA DA LIBERDADE  
SEGUNDO O PENSADOR JEAN-PAUL SARTRE**

Artigo apresentado ao Programa de Extraordinário Aproveitamento em Filosofia-licenciatura da Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial para obtenção diploma em Licenciatura Plena em filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

**O PROBLEMA DA LIBERDADE  
SEGUNDO O PENSADOR JEAN-PAUL SARTRE**

Farlei Bezerra da Silva

Artigo apresentado ao Programa de Extraordinário Aproveitamento em filosofia licenciatura da Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial para obtenção diploma em Licenciatura Plena em filosofia.

Data da aprovação \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

\_\_\_\_\_  
(orientador)

---

\_\_\_\_\_  
(membro 1)

---

\_\_\_\_\_  
(membro 2)

Conceito Final: \_\_\_\_\_.

“Viver é isto: ficar se equilibrando o tempo todo entre  
escolhas e consequências.”  
Jean Paul Sartre

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, Ana Lucia Bezerra de Melo por sempre ter me incentivado aos estudos.

Ao meu pai Antonio Aparecido Paulino da Silva, pelos exemplos de perseverança e humildade.

À minha irmã Daniela Bezerra da Silva, pelo incentivo, carinho e amor.

Ao meu companheiro Lucas Alexandre de Melo Peixoto que nunca me deixou desistir.

A todos os meus amigos que me incentivaram.

Aos admiradores de Jean-Paul Sartre.

Aos amantes da filosofia, em especial aos que amam o Existencialismo assim como eu.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus orientadores: Prof. Mestre Tobias Dias Goulão e Pe. João Batista Ferraz, pela compreensão, gentileza e, sobretudo pela paciência.

A todos os professores da Faculdade Católica que de alguma maneira colaboraram no meu processo de formação.

A todos os meus amigos e familiares, obrigado por não me deixarem desistir e me incentivarem.

## RESUMO

No decorrer da história por diversas vezes os pensadores se depararam com tal problema crucial na existência humana, a questão da liberdade, tema latente em muitas obras do grande filósofo Jean-Paul Sartre. E este tem como objetivo apresentar ainda que sem a intenção de esgotar por completo o problema da liberdade segundo o pensador Sartre, mediante o que o mesmo escreveu em suas obras, apresentar alguns de seus conceitos base e expor sua ideia de liberdade. A metodologia utilizada foi o estudo do tema nas obras publicadas do escritor francês.

**Palavras-Chave:** Sartre; Liberdade; Ser.

## ABSTRACT

Throughout history, many thinkers have faced such a crucial problem in human existence, the question of freedom, a latent theme in many works of the great philosopher Jean-Paul Sartre. And this one aims to present even without intending to completely exhaust the problem of freedom according to the thinker Sartre, through what he wrote in his works, to present some of his basic concepts and to expose his idea of freedom. The methodology used was the study of the subject in the published works of the French writer.

**Key-word:** Sartre; Freedom; to be.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 SARTRE: VIDA E OBRA</b>	<b>14</b>
<b>2 A FENOMENOLOGIA</b>	<b>22</b>
2.1 Fenomenologia Sartreana	25
<b>3 O EXISTENCIALISMO</b>	<b>28</b>
3.1 O existencialismo Sartreano	30
<b>4 O SER E O NADA</b>	<b>33</b>
<b>5 A LIBERDADE EM SI</b>	<b>37</b>
<b>6 DISCUSSÃO</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAL BIBLIOGRAFICO</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

O problema da liberdade é muito recorrente na sociedade, durante séculos muitas respostas foram apresentadas a este problema e muitos tentaram explicar o que é a liberdade. Muito foi dito a esse respeito; até os dias atuais; em especial sobre seu cerceamento, mas poucos se atentam ao que de fato significa ser livre ou quais conceitos que norteiam a palavra “liberdade” e sua aplicabilidade. E poucos foram tão latentes nesse tema quanto Sartre, sua sagacidade na busca e vivência da liberdade se faz memorável.

A Doutora em Filosofia Maria Isabel Limongi (2014, pág. 227) define liberdade:

A liberdade diz-se de muitos modos: liberdade do querer, do fazer, autonomia, participação política, direito. A liberdade emprega-se também de muitos modos: como simples palavra ou como conceito, como arma política ou elemento doutrinal, como idéia reguladora ou apelo à experiência. E a liberdade, por dizer-se e empregar de muitos modos, deixa-se ainda pensar de muitos modos, em diversos planos discursivos – daquele em que o que está em questão é o seu conceito e a possibilidade de pensá-lo ao do comentário aos grandes temas emergentes, como a globalização e o avanço tecnológico, que parecem de algum modo colocá-la em risco.

Este trabalho foi inspirando nas obras, contos e romances do escritor, pensador, filósofo e crítico Jean-Paul Charles Aymard Sartre. Autor de célebres frases como: “O homem está condenado a ser livre” e “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo”. Sendo assim, responsável por si. Questiona-se, no entanto: O que é ser livre para Sartre? O que ele entendia por liberdade?

Escritor de várias peças de teatro, ativista político, abraçou, durante algum tempo, o comunismo, tentando conciliá-lo ao Existencialismo, do qual afirmava, categoricamente, fazer parte. Publicou várias obras, sendo as de maior importância filosófica: “*A Náusea*” (1939), “*O Ser e O Nada*” (1943). Estas serão base desta pesquisa.

Em 1945 funda, juntamente com Merleau-Ponty, a revista *Les Temps Modernes*. Enfrenta, então, críticas à sua filosofia, existencialista, exposta em

“*O Ser e O Nada*”. Publica, em 1946, “*O Existencialismo é um Humanismo*”, resultante de uma conferência proferida por Sartre em 1945.

Este último livro aborda um conceito de liberdade, defendido e buscado por este pensador, inserido em sua problematização e conceitos-chaves, baseado em sua obra “*O Ser e O Nada*” (Ensaio de Ontologia Fenomenológica) e “*O Existencialismo é um Humanismo*”. Esta última será tratada como uma obra de apoio por se tratar de um esmiuçamento da sua maior obra.

No qual Sartre expõe que se o homem é livre para agir e não existem valores genéricos que sirvam de guia para nossa vida, compete ao próprio homem, em suas ações concretas, construir os valores que possam orientar suas escolhas.

A escolha revela a responsabilidade, diante de uma questão o homem deve optar por uma alternativa e por um critério pelo qual essa alternativa foi escolhida. A angústia significa optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha. É necessário escolher porque tenho de ser livre. Assim, toda vez que há uma ação, o homem se torna responsável por tudo o que escolhe, porque não há outra escolha que não exercer a liberdade.

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (SARTRE, 1998, p. 542/543).

Em busca de uma melhor compreensão deste pensador, nesta pesquisa se apresentará um breve estudo biográfico. Que denota como Sartre foi coerente escrevendo e vivenciando seu ideal de liberdade e como o tema foi presente em diversas obras.

Apresentando também um breve panorama da filosofia existencialista, bem como do existencialismo ateu, no qual Sartre se situou: “O existencialismo ateu, que represento é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência (...)” (SARTRE, 1987, pág. 5); sendo que tal ideologia será melhor e mais esclarecidamente

apresentada. E ainda tentar-se-á abordar o ferramental escolhido por Sartre para sua pesquisa que é a fenomenologia.

Após a breve apresentação do contexto em que ele estava inserido e do ferramental base que Sartre se usa para a estruturação de seu pensamento, segue-se a introdução da obra principal escolhida como base deste trabalho: “O Ser E O Nada”. Começando por conceitos-chaves presentes na obra, que levam, progressivamente, ao amadurecimento e encadeamento de suas ideias, percebe-se que o autor culmina-se, especificamente, na quarta parte do referido livro: “Ter, Fazer e Ser”. Em sequência apresentar-se-á o “Ser e fazer: A Liberdade”, dando margem à conceituação de onde quando a liberdade pode ser vista como uma condição da ação e da responsabilidade.

Ter! Fazer! Ser! Postas, pelo mesmo, como categorias cardeais da realidade humana, permitem clarificar a conduta do *para-si*, que busca, incessantemente, *serem-si-para-si*. Permitindo perceber o *para-si* a partir da ação. Pura expressão da liberdade.

Pode-se dizer que Sartre foi um homem que falou muito de liberdade porque ansiava por ela, e a viveu com suma intensidade. Engajados em temas políticos o escritor usou seu talento para defender suas ideias e posicionamentos a frente de sua época. Quebrou tabus, tentou viver de forma coerente com suas ideias inovadoras, enfrentou uma sociedade arcaica, devastada pela guerra, que ansiava por novos horizontes, e, conquistou o mundo.

Jean-Paul Sartre fala de liberdade em um mundo pós duas grandes guerras, após ser obrigado a prestar serviço militar, um mundo que surge devastado, mas que se vê obrigado a se reconstruir, e que precisa ser reinventado para não cometer os mesmos erros, em que a maldade humana foi testada ao limite em perseguições, mortes em massa, campos de concentrações, câmaras de gás e torturas, a fé foi abandonada nas trincheiras.

Dando espaço ao ateísmo que encontra espaço e se alastra por toda a Europa e depois pelo mundo, a fome e o desespero, traz a tona para Sartre que o homem está sozinho e que precisa tomar consciência disto e, sobretudo de sua reponsabilidade. E nesse contexto e cenário que Jean-Paul vai começar a disseminar novas ideias e ideais de liberdade e sociedade. “A trajetória de

Sartre começa na crise dos valores ocidentais expressa em seu existencialismo original e desemboca no marxismo” (MACIEL, 1967, pág.13).

Ciente que esta monografia não pretende esgotar tudo o que pode ser dito em relação a este tema, mas, propõe-se, introduzir o leitor ao pensamento do escritor Jean-Paul Sartre, seus principais conceitos e sua ideia de liberdade e por fim concluir apontando rapidamente os reflexos desta visão de liberdade na ética. Segundo Silva (2013, pág. 93) são “(...) considerações centrais de Sartre sobre a liberdade: o caráter intencional da ação; a tese de que o ser-humano é livre; e a liberdade como angústia”.

## CAP. 1- SARTRE: VIDA E OBRA

Dissertar sobre Jean-Paul Sartre é falar de sua busca incessantemente por liberdade, e discutir sua liberdade idealizada. Este autor teve sua existência marcada pela produção cultural, conceituada, de certa forma, ideológica. Escreveu sobre diversos temas constantemente pincelando sobre a liberdade em suas obras. Contudo, seu “eu” ideal de liberdade é um dos mais ousados dentro da filosofia contemporânea. Dotado de uma extrema radicalidade, dá origem ao pensamento de uma liberdade absoluta.

Quem é Sartre? Um intelectual pequeno-burgês, sem dúvida. Mas se Sartre é um intelectual pequeno-burgês, nem todo intelectual pequeno-burgês é Sartre. A diferença é reveladora. Para usar seus próprios termos, a praxis individual desse intelectual pequeno-burgês reflete a praxis coletiva de seu grupo social nesse século, com mais profundidade, extensão e principalmente riqueza de mediações, do que a praxis individual de qualquer outro intelectual pequeno-burgês de nosso tempo. Sua experiência do mundo é absolutamente típica, no sentido de Engels. (MACIEL, 1967, pág. 13).

Nascido em Paris, França, no dia 21 de junho de 1905, filho de Jean-Baptiste Sartre, um oficial da marinha, que veio a falecer quando o filho tinha dois anos de idade em virtude de uma febre intestinal adquirida na Cochinchina e Anne-Marie Schweitzer, de uma família da Alsácia.

Em consequência da morte do esposo, Marie com vinte anos de idade e o pequeno Sartre foram morar com o seu pai. Ficava com seu filho no quarto que era chamado “quarto das crianças”. Marie era de uma subordinação total, uma vez que “As famílias, é claro preferem viúvas a mães solteiras, mas apenas isso.” (THODY, apud SARTRE, 1987, pág. 11). E será desse contexto que surgira o grande questionador dos padrões sociais e seus supostos valores.

Na época Sartre nada podia fazer com relação à rigidez e controle do avô que inibia as saídas da mãe com os amigos que pouco a pouco foi se desencantando e se afastando dos prazeres da vida voltando a se casar somente anos depois em 1916.

Dizia que quando crescesse, iria casar-se com ela e a ela iria dedicar-se inteiramente. Mas muito de sua posterior ação política

especialmente em defesa das classes exploradas e oprimidas, decorre daquelas impressões colhidas na infância a respeito da burguesia, capaz de conciliar seus princípios liberais com as práticas mais despóticas possíveis. (THODY, 1987, pág. 18).

E ainda complementa sua pesquisa abordando que apesar da situação e dessa relação próxima com a mãe, não há indícios suficientes para afirmar que o jovem Sartre tenha adquirido um complexo de Édipo:

Uma vez que ele não tinha tido rival nos afetos de sua mãe entre os três e os cinco anos de idade – período que Freud considera essencial no relacionamento do filho com os pais – não desenvolveu nenhum complexo de Édipo. (THODY, 1987, pág. 30)

Com a mãe pouco ou nada atuante pode se dizer que Sartre foi criado pelo avô Charles Schweitzer, um velho austero professor de línguas, e de severos costumes calvinistas, que lhe ensinou a disciplina o rigor e o amor pelas palavras.

Sartre não teve pai. Mas este órfão teve um avô ao mesmo tempo mais carinhoso e complacente como mais exigente e rígido. [...] Com ele, iniciou o projeto de decifrar o mundo na palavra escrita (MACIEL, 1967, pág.20).

O patriarca era visto pelo pequeno Sartre como um Deus, e a sua sombra fez o seu aprendizado da leitura aprendeu o convívio com a palavra e nas palavras que Sartre aprendeu a rejeitar os valores da classe média e a abraçar o ateísmo. No avô percebeu a necessidade de se afastar e superar o mestre, “Num mundo sem Deus, a literatura tornou-se para o menino Sartre o valor supremo.” (MACIEL, 1967, pág. 22). Após quatro anos em Meudon, mudaram-se para Ru ele Goff, em Paris onde Sartre cresceu.

Em 1924 ingressa como aluno do curso de Filosofia da Escola Normal Superior onde conhece Simone de Beauvoir “Uma moça bem comportada que lhe afirmou: ‘A partir de hoje, eu tomo conta de você’. Desde então nunca mais se separaram.” (PESSANHA, 1987, pág. VIII).

Em 1933 consegue uma bolsa de estudos do Instituto Francês de Berlim, onde passa um ano estudando o método fenomenológico de Husserl que escrevera “A Transcendência do ego”. E também “Assistira, portanto de perto a ascensão de Hitler e o nazismo sufocando um país com seus

tentáculos.” (MACIEL, 1967, pág. 59). Aos trinta anos Sartre já permanecia fiel aos ideais de liberdade, mas ainda sem compromisso político.

Depois de Husserl, outro filósofo que influenciou notavelmente Sartre foi Martin Heidegger. Também recebeu forte influência de Nietzsche, Kierkegaard e dentre os modernos Descartes e Kant.

Em 1936 publica duas grandes obras, “A Imaginação” no qual o problema central é investigar o que são as imagens e quais suas relações com as coisas das quais são imagens, e a “Transcendência do Ego”. Posteriormente publica sua grande obra “A Náusea” que segundo Philip Thody “Foi com a publicação de *La Nausée* em junho de 1938 que a carreira literária de Sartre realmente começou.” (1974, pág.47).

*A Náusea* é uma novela narrada em forma de diário que conta história de Antoine de Roquetin, um historiador de trinta e cinco anos que se refugia em uma província imaginária, Bouville, para escrever a biografia do Marquês de Robellon. Antoine é um tipo social semelhante ao de Sartre, jovem intelectual pequeno-burguês, desenraizado e solitário.

Roquetin experimenta frequentes e violentas sensações de náusea que provoca nele rupturas conscientes com os outros e com o mundo, e essa náusea precipita terríveis vertigens que faz com que a personagem viva uma forte experiência existencial filosófica. “A Náusea já foi qualificada por alguns críticos como o diário de um esquizofrênico” (MACIEL, 1967, pág. 51).

Porém é dentro dessa experiência de náusea que Antoine de Roquetin descobre a contingência do mundo. E é também nesta obra que Sartre revela seus primeiros traços, existencialista (SARTRE, 2015, págs. 114 e 115):

- não é nada a coisa sou eu...ele vive – sou eu. Mudança.  
 - Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, reflui sobre mim. Existo.  
 Existo. É suave, tão suave, tão lento. E leve: dir-se-ia que isso flutua no ar por si só. Mexe-se. São leves toques [...].  
 Existo. Penso que existo. Oh! Que serpentina comprida esse sentimento de existir – e eu a desenrolo muito lentamente [...] Meu pensamento sou eu: eis por que não posso parar. Existo porque penso... e não posso mim impedir de pensar. Nesse exato momento – É terrível – se êxito é porque tenho horror a existir. Sou eu, sou eu que me extraio do nada a que aspiro: o ódio, a repugnância de existir são outras tantas maneiras de me fazer existir de me embrenhar na existência.



Roquetin está diante de si mesmo e diante do mundo que o circunda. Escreve Reale “A náusea de Sartre não esta longe da angustia de Heidegger.” (2007, pág.607). Eis que o personagem se percebe existindo, sente a existência, e isso lhe causa desespero, ele esta diante da gratuidade, que é a existência. E isso lhe é caro, mas, lhe pesa. “Sou, existo, penso, logo sou: sou porque penso, por que penso? Já não quero pensar, sou porque penso que não quero ser, penso que eu... porque...(...)” (SARTRE, 2015, pág.116).

O dilema vivido pelo personagem principal experimenta o mais obvio da própria existência que é o existir e sente a thaumasia de perceber que existe “a existência penetra em mim por todos os lados, pelos olhos pelo nariz, pela boca... E subitamente, de uma só vez o véu se rasga: compreendi, vi.” (SARTRE, 2015, pág. 143). Roquetin descobre o ser e com isso chega ao ápice de sua existência descobrindo a banalidade da própria existência, descobrindo que tudo que existe é contingente, tudo que é poderia não ser. Uns amontoados de entes existentes vagando sem sentido que existem, mas por não serem essenciais, mas, contingentes poderiam simplesmente não existir.

O castanheiro me entrava pelos olhos. Uma ferrugem verde cobria-o até meia altura; a casca, preta e empolada parecia um couro fervido. O ruído discreto da água da fonte Masqueret penetrava em meus ouvidos [...] todas as coisas, suavemente, ternamente, se entregava a existência como essas mulheres cansadas que entregam ao riso e dizem com voz comovida: ‘é bom rir’; exibiam-se, umas enfrente às outras, faziam-se a abjeta confidencia de sua existência. Compreendi que não havia meio-termo entre a existência e aquela abundancia extática. Existindo, era necessário existir até aquele ponto, até o bolor, a tumidez, a obscenidade. Num outro mundo os círculos, as melodias conservam suas linhas puras e rígidas. Mas a existência é uma vergadura. [...] Éramos um amontoado de entes incômodos, estorvados por nós mesmos não tínhamos a menor razão para estar ali, nem uns nem outros, cada ente confuso, vagamente inquieto, se sentia demais em relação aos outros. (SARTRE, 2015, P.145)

Com esta experiência Antoine compreende sua náusea, ao enxergar a grandeza da existência “a existência – que nunca é limitada a não ser pela própria existência” (SARTRE, 2015, pág. 150). E a própria pequenez enquanto existente “Todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso” (*idem*, pág. 151). E que nada é logicamente necessário e que o que é, é, simplesmente.

O essencial é a contingência. O quero dizer é que, por definição a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente *estar aqui*; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos deduzi-los (*idem*, pág. 148).

Concluindo que não existe ser necessário e que nenhuma coisa possui qualquer razão para existir, logo:

(...) tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. Quando ocorre que nos percebemos disso, sentimos o estomago embrulhando, e tudo se põe a flutuar (...) é isso a Náusea. (*idem*, pág. 149)

E é aqui que Sartre parecia querer chegar, na formação de conceitos. E pode se dizer este é um dos primeiros “a náusea é uma ininterrupta reflexão sobre as relações e, fundamentalmente, as discrepâncias entre o mundo e as nossas maneiras de representá-lo” (DANTO, 1975, p. 11) e que tudo é gratuidade, a existência é pura liberdade. Eis ai os germes do que será a grande obra de Sartre “O Ser e o Nada”.

“A Náusea”, além de lançar Sartre como um grande escritor, abre caminho para outra obra de extrema importância na vida do escritor. Uma coleção de cinco contos intitulada “O Muro” (*Le Mur*) em 1939, ano que marca o início da Segunda Guerra Mundial. Cada conto refere-se a uma situação, no qual a liberdade é colocada a prova através de experiências físicas, psicológicas ou emocional particular. “Nesses trabalhos, ele exercita pela primeira vez a utilização literária do que se chama em linguagem existencialista de ‘situações limites’.” (MACIEL, 1967, pág.55).

Convocado pelo exército no dia 21 de junho de 1940, Sartre que servia como meteorologista foi feito prisioneiro na cidade de Padoux, em Lorena, pelo exército nazista invasor, retido a princípio em Nancy e em seguida enviado para um campo de concentração da Alemanha, o Stalag XII D, localizado em Trêves onde permaneceu preso quase um ano. “Foi no cativeiro que Sartre descobriu a solidariedade e a possibilidade da ação comum.” (MACIEL, 1967, pág. 98).

De Volta à Paris o anarquismo lhe parecia inútil, então se dedicou apenas a criar suas obras, mas, ainda no contexto de uma Paris dominada pelas tropas nazistas, rompe seu isolamento para unir, organizar e fundar uma

nova resistência, cujo nome reunia duas ideias “Socialismo e Liberdade” juntamente com grandes nomes.

De seu núcleo inicial faziam parte intelectuais amigos e ex-alunos: Cuzin, Desanti, JacquesBost, Jean Pouillon, Merlau-Ponty e Simone de Beauvoir. As atividades principais consistiam em aumentar as fileiras de resistentes, recolher informações e difundi-las em volantes e boletins. (MACIEL, 1967, pág. 98).

Sartre influenciou, por exemplo, a obra de Francis Jeanson chama uma “Ontologia da liberdade” ou uma “Ontologia do ser em situação” (MACIEL, 1967, pág. 69).

“O Ser e o Nada” se inicia como uma introdução chamada “A procura do ser”, sintetizando as descobertas de Sartre em suas pesquisas filosóficas anteriores e as classificando com uma terminologia hegeliana. Sabendo-se que Sartre estuda a consciência, o ser que a transcende e suas relações (MACIEL, 1967, pág. 69).

A primeira parte, “O problema do Nada”, discorre sobre a primeira contribuição de Sartre totalmente original, o poder de nadificação da consciência, estabelecendo a partir da capacidade de formar julgamentos negativos e da faculdade de rejeição da consciência (MACIEL, 1967, pág. 69).

Em Sartre, a liberdade é precisamente o Ser da consciência: nela, o ser humano é o seu próprio passado — bem como o seu dever — sob a forma de nadificação. Sendo consciência de Ser (liberdade), há para o ser humano um determinado modo de situar-se frente ao passado e ao futuro como sendo e não sendo ambos ao mesmo tempo. A liberdade humana, da perspectiva sartreana, é a escolha irremediável de certos possíveis: o homem não é, mas faz-se. Não há futuro previsível e nem ao menos algumas cartas marcadas de antemão. Há, isso sim, o movimento através do qual o Ser do homem faz-se isso ou aquilo — escolhas que, por seu turno, serão feitas a partir de certas situações, jamais encerradas em algum tipo de determinismo. (YAZBEK, 2005, p. 142).

A segunda parte, “O Ser-para-si”, analisa a realidade humana, esse “ser pelo qual o nada vem ao mundo”. Sartre assinala a liberdade radical e estuda o comportamento da má-fé. Em sequência, “O Ser-para-Outro”, descreve as relações do *para-si* com outros *para-si*, isto é, as relações humanas. Depois, enfoca o “ter, fazer e ser”, fazendo uma análise da ação para abordar a

questão fundamental da liberdade. Por fim, na conclusão, esboça as coordenadas para elaboração de uma moral (MACIEL, 1967, pág. 69).

Dando sequência, em 1945 Paris é libertada pelas tropas norte-americanas e a euforia da vitória toma conta da França, então a resistência perde a razão de existir, mas com a guerra Sartre percebeu a necessidade da ação, deixando de ver apenas como um privilégio do combatente e passando a enxergar como um dever intelectual. Disposto a usar a literatura como uma função social juntamente com Merleau-Ponty funda a revista *Les Temps Modernes*, e que “Simone de Beauvoir qualifica de uma verdadeira ‘ofensiva existencialista’ em Paris, involuntária, mas maciça” (MACIEL, 1967, pág.117).

Antes ainda, em 1943, Sartre encenava sua primeira peça “As Moscas”. Somente em 1945, lança sua segunda peça “Entre Quatro Paredes”, colocando em cena personagens vivendo dramas existenciais, no ano seguinte após o grande sucesso da obra “O Ser e o Nada” e diante das críticas a sua filosofia existencialista publica “O Existencialismo e o Humanismo” no intuito de mostrar o significado ético do existencialismo e se defender dos ataques que estava sofrendo na época.

Esta última obra acaba por resultar de conferências que apresentará as bases de seu pensamento sem apelar para os longos e densos argumentos que permeiam as páginas de seu “Ensaio de Ontologia Fenomenológica”. Pode-se dizer que é uma versão “desossada” e “mastigada” de “O Ser e o Nada”, ou, como afirma Bochenski, “um resumo superficial da doutrina sartreana” (BOCHENSKI, 1962, pág. 165).

Em 1952 o escritor francês, agora totalmente engajado nos problemas sociais e intrigados pelas questões políticas e a luta pela liberdade, ingressa no partido comunista Francês, onde permanece por quatro anos. Torna-se ativista, e posiciona-se publicamente em defesa da libertação da Argélia do colonialismo francês. Quando rompe com o partido, escreve a obra “O Fantasma de Stálin”, “no qual explica sua posição, em face dos desvios do espírito do marxismo por parte das autoridades Soviéticas.” (PESSANHA, 1987, pág. IX).

Em 1960 publica outra obra de grande relevância, “Crítica da Razão Dialética”, que foi precedida pelo ensaio “Questão de método”. Nestas obras se

encontram reflexões que buscam unir o Existencialismo ao Marxismo, posto que “O Marxismo, para Sartre, é a filosofia insuperável do século XX.” (PESANHA, 1973, pág. XIII).

Em suma, Sartre lançou diversas obras que foram traduzidas para inúmeros idiomas. Dentre todas, uma que não desponta entre as mais famosas, embora traga um pouco de seu espírito rebelde e questionador é “Saint Genêt” (SARTRE, 2002, pág. 151):

No fundo de nós próprios, todos nós ocultamos uma ruptura escandalosa que, revelada, nós mudaria subitamente em ‘objeto de reprovação’. Isolados, censurados pelos nossos fracassos, principalmente em circunstâncias insignificantes, nós conhecemos toda a angústia de errar e de não podermos confessar o erro, de ter razão e não podermos nós dar razão. Oscilamos todos nós entre a tentação de nós preferirmos a tudo (porque a nossa consciência é para nós o centro do mundo) e a de preferirmos tudo a nossa consciência (...). Acusadores como todos os outros, estamos ao mesmo tempo sozinhos e acusados por todos. Como a relação social é ambígua e comporta sempre uma parte de fracasso, como somos simultaneamente a multidão chinesa que ri e o chinês aterrado que arrasta ao suplício, como cada pensamento divide tanto quanto une, como toda palavra aproxima pelo que exprime e isola pelo que não diz, como um abismo intransponível separa a certeza subjetiva que temos de nós mesmo e a verdade objetiva que somos para os outros, como não deixamos de nós julgar culpados exatamente quando nos sentimos inocentes, como um acontecimento transforma as melhores intenções em vontade criminosa não apenas na história mas até na vida familiar, como não estamos nunca seguros de retrospectivamente nós tornamos traidores como fracassamos sempre na comunicação, no amor, em nós fazermos amar e cada fracasso nos experimentar a nossa solidão, como sonhamos as vezes em apagar a nossa singularidade criminosa confessando-a humildemente, e outras vezes em afirma-la em desafio na van esperança de a assumir inteiramente, como somos conformistas às claras, vencidos e patifes no segredo da consciência, como o único recurso do culpado e a única dignidade é a ideia obstinada, o amor, a má-fé e o ressentimento, como não podemos nos arrancar até a objetividade que nos esmaga nem despir a subjetividade que nos desterra, como não nos é permitido nem nos elevar ao ser nem nos abismar no nada, como em todas as circunstancias somos impossíveis é necessário escutar a voz de Genêt, nosso próximo, nosso irmão.

Em 1964, Sartre ganhou o prêmio Nobel de literatura, após publicar a obra autobiográfica “As Palavras”, contudo recusou-se a aceitar tal honraria. Faleceu na mesma cidade onde nasceu, aos 74 anos, no dia 15 de abril de 1980 em virtude de um edema pulmonar.

## CAP. 2 - A FENOMENOLOGIA

O termo fenomenologia, do grego *phainesthai*, que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e *logos* "explicação" ou "estudo", foi empregado por alguns pensadores ao longo da história da filosofia, podendo ser definido como a "descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição" (ABBAGNANO, 2000, pág. 437).

Sendo assim, como o próprio nome já sugere, diz respeito ao que está relacionado diretamente ao conceito de "fenômeno". O qual, por sua vez, pode ser definido como "aquilo que aparece ou se manifesta". O próprio Sartre definiu-o: "(...) E, por fenômeno, deve entender-se 'aquilo que se denuncia a si próprio', aquilo cuja realidade é precisamente a aparência" (SARTRE, 1972, pág. 50).

No entanto é de suma importância ressaltar que no decorrer da história este termo usado desde os gregos passou por mudanças.

A palavra 'fenômeno' (aquilo que aparece; *pháinomai* significa 'aparecer', 'brilhar') foi usada na linguagem filosófica já desde Platão e Aristóteles. No decurso da História da Filosofia adquiriu um sentido cada vez mais subjectivo. Em Husserl, desliga-se inteiramente da relação a qualquer objecto exterior à consciência, para referir ao puro objecto imanente enquanto aparece na consciência. (FRAGATA, 1962, p. 25).

Não se pretende aqui apresentar um esboço histórico do conceito de fenômeno nem tampouco da fenomenologia como um todo. No entanto a fenomenologia sob a abordagem do filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), que segundo Régis Jolivet "[...] Foi um método antes de se tornar explicitamente uma doutrina" (JOLIVET, 1953, pág. 4099) e que se tornou um marco imprescindível na filosofia contemporânea.

Husserl apresenta a fenomenologia como um método de investigação que tem o propósito de apreender o fenômeno, a aparição das coisas à consciência, de uma maneira rigorosa. "Como um método de pesquisa, a fenomenologia é uma forma radical de pensar" (MARTINS, 2006, pág. 18). Como as coisas do mundo se apresentam à consciência, o filósofo alemão

pretende estudar a aparição no sentido de captar a sua essência “ir ao encontro das coisas em si mesmas” (HUSSERL, 2008, pág. 17), ou seja, buscar captar aquilo que o objeto é em si mesmo.

A fenomenologia poderia ser então definida como a ciência das essências e das manifestações dos fenômenos à consciência, cuja característica fundamental seria a intencionalidade, fundamentada no método da *epoché* que consiste numa suspensão do juízo para total apreensão dos fenômenos do objeto e por assim dizer maior apreensão do mesmo, deixando o mesmo falar por si mesmo e permitindo o fenomenólogo a captação de sua real substância.

Através desse princípio, Husserl pensava fundamentar a fenomenologia como ciência rigorosa, como ciência voltada para as coisas, para as próprias coisas, como ciência que esta voltada para ver como são as coisas. *Zudensachenselbst!* ('vamos as coisas!') torna-se o lema da fenomenologia, e é precisamente a fim de ir às coisas, às coisas em carne e osso, ou seja, a fim de encontrar pontos de não poderem ser postas em dúvidas e sobre as quais poder saber uma redução fenomenológica consistente, que Husserl propõe a *epoché* ou redução fenomenológica, como método da filosofia. (REALE, ANTISERI, 2007, pág. 563).

E nesse sentido, a filosofia husserliana traz consigo um novo método de investigação que exercerá grande influência, especialmente para Sartre que iniciará sua obra “O Ser e o Nada” com a introdução intitulada “Em busca do Ser”, se debruçando sobre o conceito de “fenômeno”.

No entanto, pensadores como Heidegger e Merleau-Ponty acharam, contudo, que a fenomenologia podia receber um sentido muito diferente e mesmo que, logicamente, ela deveria encaminhar-se para o existencialismo. Posto que a análise fenomenológica postule o ser na sua pura existência. Ainda que na busca pela essência, é uma essência na coisa em si, existente e não apenas como ente de razão. “A fenomenologia recoloca a essência na existência” (MERLEAU-PONTY, 1971, pág. 01).

Afastando a fenomenologia do idealismo transcendental, visando como seu destino o existencial, portanto, a fenomenologia é o contato com os paradoxos da facticidade. Não é, então, possível ver a essência como objeto em especial algo fora do objeto ou algo que não seja denunciado pelo mesmo. Privilegiando a posição de Heidegger, ao contrário de uma leitura essencialista.

A Fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a Fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua facticidade (...). É a ambição de uma filosofia que pretende ser uma ciência exata, mas é também uma exposição do espaço, do tempo e do mundo vivido. (MERLEAU-PONTY, 1971, pág. 5).

A busca das essências nesse sentido é somente um meio de revelação da existência ou facticidade. Lembrando que não é possível pensar a essência desvinculada do mundo. Tem-se então a facticidade enquanto contingência originária do Dasein. O “homem fático” compreendendo-se em suas possibilidades de Ser como uma abertura limitada. Assim, a via de acesso ao Ser é a existência, compreendendo as suas possibilidades de ser mediante sua facticidade.

Assim a facticidade está em toda parte, porém inapreensível; jamais encontro senão a minha responsabilidade, daí porque não posso indagar ‘*por que nasci?*’, maldizer o dia de meu nascimento ou declarar que não pedi para nascer, pois essas diferentes atitudes com relação ao meu nascimento, ou seja, com relação ao *fato* de que realizei minha presença no mundo, nada mais são, precisamente, do que maneiras de assumir com plena responsabilidade este nascimento e fazê-lo *meu*; também aqui só encontro comigo e meus projetos, de modo que, em última instância, minha derrelição, ou seja, minha facticidade consiste simplesmente no fato de que estou condenado a ser integralmente responsável por mim mesmo. Sou o ser que é como ser cujo ser está em questão em seu ser. E este ‘é’ de meu ser e como sendo presente e inapreensível. (SARTRE, 2009, p.681).

Em suma a fenomenologia que já aparecia desde os gregos, ressurgiu em Hegel, tomando novas proporções com Husserl e recebendo uma nova roupagem com os existencialistas, propiciando então um ferramental crucial para a nova filosofia no mundo Pós-Grande Guerra, ferramental este, que viria de encontro aos anseios do jovem Sartre, e que propiciará seu amadurecimento filosófico e existencialista.

Esta filosofia transcendental, que deixa em suspenso às afirmações da atitude natural, para compreendê-las, mas que é também uma filosofia para a qual o mundo sempre “está aí” na existência, real e concreta como uma presença inalienável, diante da consciência. Passa a ser também a resposta para problemas já antigos, mas como uma nova carga semântica, o “ser” na



sua rele existência, diante dos seus paradigmas cruciais. Jogado na existência.

A fenomenologia é o modo-de-acesso ao que deve se tornar tema da ontologia por determinação demonstrativa. A ontologia só é possível como fenomenologia. O conceito fenomenológico de fenômeno designa o como do que se mostra, o ser do ente, seu sentido, suas modificações e derivados. (HEIDEGGER, 2012, p. 123).

## 2.1 Fenomenologia Sartreana.

No século XX, a filosofia existencialista de Sartre aparentemente encontrou um método para livrar-se das acusações de subjetivismo e irracionalismo: a fenomenologia de Edmund Husserl. Os primeiros contatos de Sartre com a fenomenologia aconteceram, sobretudo, após o encontro com Raymond Aron (1905 – 1983), ex-colega de Sartre na *École Normal Supérieure*, nos primeiros anos da década de 1930, conforme narrado por Simone de Beauvoir (1908 – 1986).

Raymond Aron passava o ano no Instituto Francês de Berlin e, enquanto preparava uma tese sobre história, estudava Husserl. Quando veio a Paris, falou com Sartre. Passamos uma noite juntos no Bec de Gaz, na Rua Montparnasse; pedimos a especialidade da casa: coquetéis de abricó. Aron apontou para seu copo: 'Estás vendo, meu camaradinho, se tu és fenomenologista, podes falar deste coquetel, e é filosofia'. Sartre empalideceu de emoção, ou quase; era exatamente o que ambicionava há anos: falar das coisas tal como as tocava, e que fosse filosofia. Aron convenceu-o de que a fenomenologia atendia exatamente a suas preocupações: ultrapassar a oposição do idealismo e do realismo, afirmar ao mesmo tempo a soberania da consciência e a presença do mundo, tal como se dá a nós. (BEAUVOIR, 2010, pág. 140-141).

O conceito de fenômeno definido anteriormente como aquilo que “aparece” à consciência, constituirá o diferencial que há na abordagem sartreana do fenômeno. Este será destituído de certos dualismos que a tradição filosófica aparentemente acarreta, tais como: "ato" e "potência", "interior" e "exterior", "fenômeno" e "coisa em si”.

As primeiras linhas de “O Ser e o Nada” desdobram-se tecendo um louvor ao pensamento moderno no sentido de ele ter tentado descurar o

fenômeno de ser daqueles dualismos que só fazem obscurecer a investigação em torno do próprio fenômeno.

O pensamento moderno realizou progresso considerável ao reduzir o existente à série de aparições que o manifesta. Visa-se com isso suprimir certo número de dualismos que embaraçavam a filosofia e substituí-los pelo monismo do fenômeno. (SARTRE 1999, pág. 15).

Quanto à intencionalidade, para a filosofia sartreana o homem é livre para escolher, já que possui consciência. Essa consciência gera a intencionalidade das ações praticadas e envolve a sociedade, que por sua vez leva a responsabilidade com seu próprio destino e com o dos outros a sua volta. Ao escolher, o homem escolhe também a humanidade. Dessa forma, a sua liberdade individual se entrelaça à sociedade. E todo esse processo culmina no sentimento de responsabilidade, o que traz consigo o sentimento da angústia ao perceber que é o responsável por si e, na mesma medida, por todo o mundo, deixando o homem na situação de condenado a liberdade e conseqüentemente ao fracasso.

Observa-se que uma ação é intencional, é um projeto consciente do ser que age. No entanto dentro da filosofia sartreana uma pessoa que age com negligência, não agiu. Sartre exemplifica que um fumante desastrado que, por negligência, fez explodir uma fábrica de pólvoras não agiu, posto que não houvesse uma intenção consciente daquele que agiu, a negligência é uma não ação na medida em que o agente não alcançou um objetivo, ainda que tenha desencadeado a ação, não a intencionou, enquanto que, o operário encarregado de dinamitar uma pedreira, agiu quando provocou a explosão, ou seja, agiu intencionalmente, gozando de plena faculdade, consciente de sua ação, escolhas e conseqüências.

Em última análise, a liberdade é o que fundamenta o vazio da consciência, e o homem é aquilo que sua liberdade forma como resultado das escolhas e ações. Assim, toda ação tem uma partida intencional fruto de sua liberdade de escolha, e escolhendo-se ele faz-se. Podendo dizer-se então que: “Somos aquilo que pelo exercício da liberdade nos tornamos.” (REIMÃO, 2005, pág. 125).

Dando primazia à consciência como ponto fundamental para fenomenologia e conseqüentemente o entendimento da existência

(...) que toda consciência seja consciência de algo, significa que é constituída originalmente como vazio de tudo, menos do objeto transcendente de que ela é atualmente consciente. O objeto é transcendente, pois está fora dela: não há coincidência entre eles. A consciência é intencional, pois ela só consegue fazer existir um fora, um além da consciência, colocando-se ela própria fora do ser. (GILES, 1975, p. 328).

Seguindo os passos de Heidegger e Husserl, mas de forma autêntica, Sartre percebe a importância da consciência e nesses períodos fundamenta seu pensamento, ainda que não de forma fidedigna ele aperfeiçoa tais conceitos e engaja-os nas ideias de sua fenomenologia existencial.

A título de consciência, o outro é para mim aquele que roubou meu ser e, ao mesmo tempo, aquele que faz com que "haja" um ser, que é o meu. Assim, tenho a compreensão desta estrutura ontológica; sou responsável por meu ser Para-outro, mas não seu fundamento; meu ser-Para-outro aparece-me, portanto, em forma de algo dado e contingente, pelo qual, todavia, sou responsável, e o outro fundamenta meu ser na medida que este ser é na forma do "há"; mas o outro não é responsável por ele, embora o fundamente em completa liberdade na e por sua livre transcendência. Portanto, na medida que me desvelo a mim mesmo como responsável por meu ser, reivindico este ser que sou[...] (SARTRE, 1997, pág. 454 e 455)

No que se refere ao ser, então se tem um ser consciente, que age e tende a agir, um ser de ação. O homem sartreano. Consciente do que é, consciente que age e das responsabilidades que suas ações implicam. Sozinho no mundo, com o dever de fazer a si mesmo e a humanidade. Um ser que jogado na existência, toma consciência que existe e uma vez existente não tem outra opção que não seja existir.

### CAP. 3- O EXISTENCIALISMO

O existencialismo ou filosofia da existência é uma corrente filosófica contemporânea que se espalhou e ganhou poder pela Europa após a primeira Guerra Mundial, se expandindo após a Segunda Guerra.

A época do existencialismo é época de crise: a crise daquele otimismo romântico que, durante todo o século XIX e a primeira década do século XX, 'garantia' o sentido da história em nome da Razão, do absolutismo, da Idéia ou da Humanidade, 'fundamentava' valores estáveis e 'assegurava' um progresso certo e incontestável. (REALE & ANTISERI, 2007, pág. 593).

O movimento desses pensadores surge numa Europa em crise, dilacerada física, moralmente e financeiramente por duas grandes guerras, com uma sociedade em ruínas experimentando a dor da derrota e muitas de suas populações perdendo a liberdade para regimes totalitários, um mundo pós-guerra em colapso e em crise de valores, conceitos e fé. É o existencialismo que vai trazer novos rumos para a sociedade e seus pensamentos.

O idealismo, o positivismo e o marxismo são todas filosofias otimistas, que presumem ter captado o princípio da realidade e o sentido progressivo absoluto da história. O existencialismo, porém considera o homem como ser finito, 'lançado no mundo e continuamente dilacerado por situações problemáticas ou absurdas. (REALE & ANTISERI, 2007, pág. 593).

Enquanto representa uma reação humanista contra toda a forma de alienação, o existencialismo tem uma extensa série de precursores: Sócrates, Santo Agostinho, e, sobretudo Aristóteles e Tomás de Aquino.

De fato por singular paradoxo, Aristóteles e S. Tomas é que deveriam ser chamados (se a designação lhes pudesse ser atribuída) verdadeiramente existencialistas, mas num sentido completamente diferente do de Heidegger. (JOLIVET, 1953, pág.14).

Contudo, em sentido restrito, a origem do existencialismo remonta a Kierkegaard, o qual, por oposição à filosofia especulativa hegeliana, projeta uma filosofia segundo a qual o sujeito está implicado vitalmente na sua reflexão e não se limita a uma objetivação abstrata da realidade. Perante isto, defende a

irredutibilidade da existência humana relativamente a qualquer tentativa idealizadora ou coisificadora.

O Existencialismo representa uma fuga do exagerado intelectualismo ou o idealismo de Hegel. “Nas raízes do existencialismo encontra-se o pensamento de Kierkegaard. E o existencialismo se apresentou como explícita *kierkegaard-Renaissance*.” (REALE & ANTISERI, 2007, pág. 594).

Enquanto que a filosofia Hegeliana versava em plano totalmente especulativo, desenvolvendo um sistema filosófico que propunha o Absoluto chamado “a idéia” e o processo da dialética de “tese, antítese e síntese”. A fuga de Hegel e dos idealistas para o abstrato instigou a Kierkegaard, um homem profundamente religioso, luterano, que se insurgiu contra a mediocridade da conduta de seus contemporâneos, e lhes procurou despertar a consciência para a responsabilidade cotidiana, ser a fonte precípua da decadência moral e espiritual que se registrava em geral na sociedade do século passado.

Daí a reação dita existencialista, que visava voltar às coisas como elas são, não como se pensa que elas sejam. E “Se Kierkegaard é a raiz remota do existencialismo, a fenomenologia é sua próxima” (REALE & ANTISERI, 2007, pág. 595). O método desenvolvido por Edmund Husserl (1859-1938). A fenomenologia nos moldes Husserliano pretende ser ciência de essências, e não especificamente dos fatos, uma ciência dos fenômenos, com o objetivo de descrever os modos típicos com o qual os fenômenos se apresentam a consciência, e que permite a essa consciência chegar até sua essência.

Sendo assim o existencialismo, atado ao método fenomenológico dá corpo a esse novo movimento, e burilar o sentido exato do existencialismo tornou-se uma tarefa demasiadamente complicada, pois cada pensador desta corrente seguiu caminhos próprios e com características distintas, tendo como ponto comum a Fenomenologia.

O princípio mais geral do método existencialista, aquele que se encontra em todos os pensadores por mais diferentes que sejam, aliás, as suas doutrinas, e que permite agrupá-los sob o mesmo nome é o que postula a exclusiva validade do processo fenomenológico da descrição e de análise das situações existenciais concretas, ou seja, de aquilo que se mostra, segundo a expressão de Heidegger. (JOLIVET, 1953, pág.379).

A partir desse ponto em comum, pode se postular o existencialismo, essa nova corrente que deseja ir às coisas mesmas, a filosofia da existência enquanto tal, real e concreta, mas para uns o existencialismo caracteriza-se pelo fato de todos os seus adeptos partirem da análise da experiência concreta debruçando-se diretamente sobre o homem enquanto que para outros o existencialismo consistirá essencialmente na afirmação de que a existência precede a essência.

O facto é que parece haver duas correntes existencialistas que não seguem exatamente no mesmo sentido. Kierkegaard e Jaspers que representam a primeira, não admitem que a análise existencial possa conduzir a uma verdade universal. Para eles tudo se reduz a uma pura experiência, que não é comunicável, (directamente pelo menos) nem universalizável, e que é um contacto inteiramente pessoal com o absoluto do ser, consciência vivente do 'instante eterno'. Por graça deste instante, o homem separa-se do labirinto das suas próprias contradições e atinge uma 'verdade' que não é de modo algum formulável. [...] O existencialista coerente, como Kierkegaard bem o notou, teria de limitar-se a existir: tudo o resto é demais e o discurso é o sinal de um existir mais oratório e poético do que real. O autentico existente é silêncio – mesmo para si. Olhada sob este ponto de vista, a filosofia existencial exaure-se na sua própria e radical negação. – Heidegger e Sartre não admitem esta forma de existencialismo. Ambos são profundamente, ontologistas: propõem-se constituir uma 'ciência do ser'. Se esta intenção é particularmente vincada em Heidegger, Sartre também dela comparticipa e L'Être et le Néant apresenta-se formalmente como uma ontologia. (JOLIVET, 1953, pág. 9-10).

Tais ciências fundam-se na fenomenologia, constituindo então uma ontologia fenomenológica, firmando-se na universalidade do ser, obedecendo aos princípios e oferecendo verdades, ainda que haja divergências e distanciamentos de ideias entre os pensadores, ambos buscam conhecer o ser, buscando entender o absurdo que é a existência humana.

### 3.1 O existencialismo Sartreano.

Em "O Existencialismo é um Humanismo" (1946) Sartre irá apresentar as bases de seu pensamento sem apelar para os densos e longos argumentos presentes nas páginas de seu "Ensaio de Ontologia Fenomenológica". Tentando mostrar a quinta essência de o ser e o nada, após numerosas

críticas, em uma versão "desossada" e "mastigada" de "O Ser e o Nada", ou, como afirma Bochenski, "um resumo superficial da doutrina sartreana" (BOCHENSKI, 1962, pág. 165).

Nesta obra Sartre apresentara de forma sistemática e cadenciada argumentos ainda que de forma simplificada, debatendo pontos que causaram polêmicas, como o pessimismo do qual foi acusado, subjetividade, materialismo, liberdade, Humanismo, transcendência a uma crítica a filosofia marxista, dentre outros temas, em especial nesta, ele se coloca como existencialista, um existencialista ateu e fundamenta suas bases de pensamento.

O pensamento de Sartre reflete a preocupação, dita "existencial", de que o homem, posto no mundo pela sociedade, pela política, pela educação ou por hábitos adquiridos, está sempre, não num corredor estreito ou num curral, mas numa encruzilhada de múltiplos caminhos, deve revestir-se da responsabilidade de uma opção atuante, participante, por mais que isso possa parecer inquietante ou incômodo. (GÓIS, 2008, pág. 66).

Para Sartre o "existencialismo" é um ideário que resulta em uma posição filosófica que torna possível dar sentido a vida humana, e dentro dessa proposta existencial ele defende que "a existência precede a existência" que denota uma característica fundamental para o existencialismo tal qual Sartre o pretende, o homem primeiramente, descobre-se, surge no mundo e só depois se define.

Para Sartre à primazia ou anterioridade a existência é o próprio fundamento do existencialismo bem como a negação da existência de Deus ou qualquer fundamento anterior ao ser, qualquer que seja a ideia que tire do ser a responsabilidade de fazer-se, e o encaixe em uma ideia pré-concebida ou pré-formadora, ou qualquer coisa que limite o ser e tire sua liberdade e responsabilidade.

Se Deus não existe, não podemos encontrar fora de nós valores ou imposições que legitimem o nosso comportamento. Somos livres, mas absolutamente sós, e sem desculpas. (GÓIS, 2008, pág. 67).

Ser é agir, e o existir é um ser no mundo, existente em situações, escolhas, responsabilidades, é um agir necessário, a ação está para o ser como na visão cristã o homem está para Deus em uma relação de absoluta

necessidade, o agir no mundo dá ao ser o ser, através do nada, formando um ser que se escolhe e escolhendo-se, escolhe toda a humanidade, mas em um projeto singular e único a cada ser, formando também uma consciência social e política. Enquanto age o homem é inteiramente livre.

Sartre é um extremo, e seu pensamento seguira nessas características, após ser rechaçado pelo mestre Heidegger, ele não se retrai quanto ao método escolhido, muito menos quanto a sua paixão pelo ser e por sua existência. Por mais difícil que seja dizer tudo sobre a corrente existencialista e todas as suas vertentes existe pontos básicos no qual todos estão em consonância e divergência.

Em Sartre esse ponto comum é o dado da existência, mas se distancia ao dar a primazia da existência em relação à essência, e principalmente seu traço ateísta.

Sartre em principio pelo menos coloca-se numa posição mais radical. Para ele, a existência precede absolutamente a essência, não só porque o termo existência só tem aplicação perfeita na realidade humana (o resto sendo puramente e simplesmente, mas não existindo), mas ainda porque a existência, no homem, não é senão o nome dado ao nada que é o 'por-si' ou a consciência. (JOLIVET, 1953, P13).

De fato Não se pode conceber a essência sem sua existência, ou seria idealista, conceber essa ideia de essência sartreana é compreender a realidade, "As essências, de fato, não se podem conceber e fazer valer senão em relação ao acto de existir" (JOLIVET, 1953, P.14).



## CAP. 4 - O SER E O NADA

Considerado por muito como a “Bíblia do existencialismo” (MACIEL, 1967, pág. 69), é sem dúvidas a obra de maior teor filosófico de Sartre e também a mais rica de sua trajetória. As ideias antes pinceladas em diversas outras publicações chega neste volume como seu coroamento máximo de maturidade.

O Ser e O Nada é uma ontologia concebida do ponto de vista dessa subjetividade, e a ‘experiência da sociedade’ é posta em jogo apenas até o ponto em que pode oferecer ilustrações - muitas vezes esplendidamente realistas - do ‘mundo’ extremamente abstrato (não o mundo empírico, mas um construto ontológico) no qual ‘a realidade humana’ (subjetividade ou individualidade) se situa. (MÉSZÁROS 2012, p.146).

A angústia vivida por Antoine de Roquentin que descobre o ser, a contingência e a existência; as situações limites expostas em seus contos, as peças e romances nas situações mais diversas, personagens engajados nos temas da liberdade, se digladiando com os dramas existenciais e psicológicos diante da sociedade, culminam nesta obra.

No perfazer-se desta obra, Sartre parte em busca do ser, percorrendo um logo caminho, fundamentado na fenomenologia como método, deparando-se com a concepção dialética do nada, expondo a má-fé e outras condutas dentro da mesma, identificando a presença do “em si”, bem como o “para si”, aprofundando suas dimensões temporais, transcendência e conhecimento. Quando o ser descobre a si mesmo como ser para si, encontra-se diante do outro, num processo de autoconhecimento dialético e de seus conflitos.

Expondo o ser real e concreto, corporal, em relação e em conflito com o outro, um ser capaz de ter para com o outro amor, uma linguagem, ou uma relação de masoquismo, bem como a indiferença, o ódio e o sadismo, mas sobre tudo um ser em ação, fazendo-se, construindo-se, sendo, tendo como plano de fundo de sua obra seu ideal de liberdade e a tentativa de fundamentá-la.

O homem sartreano toma consciência de si. Descobre-se existindo, livre e sozinho, jogado na existência à própria sorte e, sobretudo, responsável por si

mesmo. Estas serão as ideias bases que darão corpo para “O Ser E O Nada”, aliado ao método fenomenológico, apoiado nas bases existencialistas de Sartre.

A análise sartreana de liberdade trará ainda uma gama de noções, bem como: *em-si*, *para-si*, o nada, e má-fé. Tentando criar uma melhor compreensão das ideias do pensador tentar-se-á colocar algumas noções ainda que de forma bem simplificada e resumida, no intuito de levar o leitor, a partir destes conceitos fundamentais, a entender a construção da obra e do pensamento de Sartre. Segue-se.

Sartre introduz o livro tentando apreender o ser do fenômeno, culminando nos conceitos que serão base de todo “O Ser e o nada”: o ser *em-si* e o ser *para-si*.

O ser *em-si* (*En-soi*) é definido por Sartre de uma maneira bem sucinta: “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é” (SARTRE, 1999, pág. 40). Que pode ser definido como aquilo que é desprovido de consciência.

Seguindo sua fala, o *em-si* engloba as coisas que se apresentam à consciência. Ele é maciço, uma plena adequação a si, pura positividade. O ser *em-si* é o ser material, não existindo nele nem uma intenção que vise o mundo ou a si mesmo, enquanto que o *ser-para-si* é pura transcendência o ser em si é pura imanência.

O *em-si* não pode estabelecer nenhum tipo de relação consigo nem com o mundo, foge à temporalidade e à mudança. O *em-si* sartreano remete, analogamente, ao ser Parmenidiano, estático. O ser *em-si* é; isso é tudo que pode ser dito. Podendo ser definido como plena positividade sendo o que é, pura e simplesmente, fechado em si mesmo numa plena adequação a si.

Tenho consciência dos objetos do mundo, mas nem um desses objetos é minha consciência: a consciência ‘é um nada de ser e, ao mesmo tempo, um poder nulificante, o nada’. (REALE apud SARTRE, 2007, pág. 608).

O *para-si*, por sua vez, apresenta-se como modo de ser próprio a não coincidência consigo mesmo. No entanto ele seria a própria consciência criando um espaço de si mesmo com o que se encontra diante de si, permitindo-lhe tomar consciência de si mesmo, posto que tenha consciência do que lhe opõe não é ele mesmo.

Continuando, se toda consciência é consciência de algo, o *em-si* é aquilo que aparece à consciência. Contudo a consciência que é o *para-si* percebe-se a si mesmo como não sendo aquilo que a ela aparece.

Em suma, o ser do fenômeno será o próprio ser *em-si*. Este fenômeno, sob a perspectiva adotada por Sartre, é o absoluto, e o que aparece à consciência: “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é” (SARTRE, 1997, pág. 40). Cabe à fenomenologia captar esses fenômenos que é o próprio ser, e chegar ao ser em sua essência.

O ser *em-si* é opaco e cheio de si mesmo, contingente e gratuito. Diante deste está o *para-si* ou a consciência. O ser *em-si* é a existência propriamente dita, o homem. Por sua vez, sendo em si, consciente de si e capaz de captar com a consciência o mundo fora de si, torna-se, portanto, completamente livre. “O ser é pleno e completo; a consciência é vazia de ser, é possibilidade – e a possibilidade não é realidade. A consciência é liberdade” (SARTRE, 1997, pág. 40).

Se toda consciência é consciência de algo e se a negação interna do *para-si* põe em relevo um mundo (*em-si*) que não coincide com a consciência, logo a consciência (*para-si*) pode ser definida como um vazio total, aonde todo seu conteúdo vem de fora. Sartre concebe o *para-si* como pura liberdade, um ser que está por se fazer. “O *para-si* vazio, oco, é pura indeterminação: é, portanto radicalmente livre.” (MACIEL, 1967, pág.75).

O homem nessa concepção sartreana é pura possibilidade: “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (SARTRE, 1997, pág.6). Retira-se toda e qualquer possibilidade de uma natureza humana pré-concebida por um deus que o criou e nesse sentido o limita e o condenando a fazer escolhas que lhe crie uma essência.

É através do olhar do outro que o homem apreende sobre si mim mesmo, e se dá se percebe como um ser existente no meio do mundo. Mundo que se torna um espelho, refletindo-o e devolvendo-o a si mesmo. Como se este olhar remetesse ao cogito cartesiano: ao ser visto, meu ser assume uma nova dimensão, a saber, a dimensão de *ser-para-si-para-outro*. O olhar de outra consciência ratifica a própria existência bem como a existência do outro.

Na intuição Hegeliana, de fazer-me dependente do outro em seu próprio ser: “um ser *para-si* que só é *para-si* por meio do outro.” (SARTRE, 1997, pág.308). Embora, Sartre enfatize não ser necessária a presença física do outro diante de si para que se tenha a certeza da própria existência, bem como a dos outros. Sendo assim, não é necessário um olhar pontual do outro sobre o *para-si* para que essa certeza seja constatada.

(...) se o ser-visto se manifesta com o caráter de uma certeza absoluta, a presença perceptível do outro torna-se inclusive dispensável; o ser-visto não decorre da presença corpórea do outro. Trata-se de um olhar concreto que faz com que eu exista para todos os homens vivos, e, mesmo só, eu sou visto. (BORNHEIM, 2005, pág. 88-89).

O outro, através de seu olhar, devolve o *para-si* a si mesmo: “O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo” (SARTRE, 1997, pág. 290), como um ser que tem consciência da sua existência bem como a existência daquele que esta diante dele. Para Sartre, a oposição ao outro permite que o *para-si* reconhecesse sua existência. Sendo nessa relação do *para-si* com o outro, e ao se relacionar com a consciência do outro, Sartre chega ao conflito.

Esta relação permite a ele determinar concretas as relações com o outro, sendo que Sartre salienta atitudes que tendem a objetivar ou coisificar a consciência que está diante de si. Alienando a liberdade do outro, o que tende a tirar a objetividade existencial do outro o reduzindo a um objeto para aquele que o detém.

Quero estender a mão para apoderar-me deste ser que é-me apresentado como meu ser, mas à distancia, como a comida tântalo, e fundamenta-lo por minha própria liberdade. Porque, se em certo sentido meu ser-objetivo é insuportável contingencia e pura ‘posse’ de mim por um outro, em outro sentido, esse ser é como a indicação daquilo que eu precisaria recuperar e fundamentar para ser fundamento de mim mesmo. Mas isso só é concebível caso eu assimile a liberdade do outro. (SARTRE, 1999, pág. 455).

Ao fim dessa rápida apresentação dos conceitos chaves que Sartre postula em sua obra, conclui-se que ele vai construindo uma ideia de ser tendo como plano de fundo um fundamento de liberdade, até chegar a quarta e ultima parte de sua obra “O Ser e o Nada”, intitulada de “Ter, Fazer e Ser”, o cume da discussão sobre a liberdade, onde ele expõe a liberdade concreta, em situação, em oposição a uma liberdade abstrata.

## CAP. 5 - A LIBERDADE EM SI

A noção sartreana de liberdade pode ser definida como autonomia de escolha (SARTRE, 1997). O *para-si* engendra sua existência nadificando o mundo no qual está inserido, fazendo com que ele tenha que existir ao invés de simplesmente ser algo ou alguém, tendo que escolher a si mesmo e a humanidade. Ao ter de fazer-se, o *para-si* escolhe, constantemente, o seu modo de ser, e, conseqüentemente, o significado que ele próprio dará ao mundo.

Essa escolha de ser do *para-si* acarreta consigo certo inacabamento do ser que se pode traduzir nas seguintes palavras: o homem é liberdade. Ao invés de o homem ser aos moldes do *em-si*, como se fosse uma pedra, uma cadeira, “uma couve-flor” (SARTRE, 1970, pág. 217), ele será aquilo que ele fizer de si mesmo, resultante de suas escolhas.

Em suma, a escolha de si, própria do *para-si*, amparando no pressuposto heideggeriano, resume-se em:

(...) A presença sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma  
 (...) A presença é um ente determinado em seu ser pela existência  
 (...) (HEIDEGGER, 1999, pág. 39-40).

O que Sartre sintetiza como “a existência precede e condiciona a essência” (SARTRE, 1999, pág. 543).

A existência do homem no mundo, com todas as implicações que isso traz, é a base sobre a qual o *para-si* engendrará sua liberdade. Ao se encontrar como um ser que existe no mundo, o homem construirá o seu modo de ser mediante as escolhas que ele fizer de si, mediante a ação. Se o *para-si* tem de fazer-se o tempo todo, ele é pura liberdade. E Sartre mostrará que essa liberdade está toda em ato, dando primazia a ação, o agir.

Quando o Pravada, de Moscou, escreveu em 1947 que “o existencialismo ignora o processo histórico”, Sartre respondeu que o único dogma do existencialismo é a afirmação da liberdade humana, explicando que a sua doutrina não conduz a um ‘quietismo de angústia’, mas, pelo contrário, define o homem pela ação prática: o homem deve criar a sua própria essência, e para isso deve lançar-se

no mundo, sofrendo e lutando, assim definindo-se pouco a pouco. (PERDIGÃO, 1995, pág.22).

Quando o homem age, ele encontra-se no ápice de sua liberdade: “A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido o âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser (...) Ser é escolher-se” (SARTRE, 1999, pág. 545). Para além dos móveis e motivos que gera o ato, mediante o ato da vontade, fazendo-se então necessário a seguinte distinção:

(...) atos inteiramente livres, processos determinados sobre os quais exerce poder a vontade livre, e processos que escapam por princípio à vontade humana. (Sartre, 199, p.546).

O homem nada mais é que do que aquilo que ele escolhe ser, porém sempre dentro da liberdade situada e dos limites da realidade, em especial sua própria realidade física, psíquica e concreta. Sartre não cometeu a ingenuidade de pegar a liberdade total e absoluta, desconsiderando a realidade.

Vimos que a liberdade depende da situação: somos livres porque existe um mundo resistente à liberdade, no qual estamos situados. O lugar que ocupamos, o nosso corpo, o passado imutável, a existência dos outros, tudo isso define a nossa situação. Trata-se de pura facticidade que nos é imposta, na qual deparamos com obstáculos e resistências que não foram criadas por nos e não podemos evitar. (PERDIGÃO, 1995, pág.95).

O homem pode fazer de si um médico ou um escritor, o que na filosofia perene se chamaria da passagem do potencial ao ato. Ele é um preso e um homem livre, uma vez que ainda que fisicamente limitado seja livre em sua própria mente, contudo nunca livre para deixar de ser livre e, sobretudo, o homem nunca pode deixar de ser homem e assumir a natureza de uma pedra ou de qualquer outro ser que não corresponda a sua própria natureza ou esteja contido no potencial do próprio ser.

No entanto Sartre desconsidera a noção de natureza, ato e potência. Segundo o mesmo, é um dualismo a doutrina do ato e potência, a ideia de interior e exterior, aparência e númeno, apenas dificultam a análise do fenômeno em que ele se apresenta. Daí o pensador francês se remete ao principal intuito da fenomenologia husserliana, indo à coisa mesma e deixando-a falar por si mesma. “O pensamento moderno realizou progresso considerável ao reduzir o existente à série de aparições que o manifestam” (SARTRE, 1999, pág.15), identificando a natureza do homem como sendo a própria liberdade.

Segundo o próprio Sartre “a existência precede e condiciona a essência” (SARTRE, 1999, pág.543). O homem nasce sem definição pré-existente e tem a missão de fazer-se, criar a si mesmo, construir a si mesmo, se conhecer ao se colocar diante do outro, somente existindo ele poder ser essência, sendo que esta essência não pode existir sem o existente, o próprio ser. E quanto à ideia de essência Sartre escreve:

Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser. Se não começássemos por conceber o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre. Daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos até a borda. O homem não poderia ser hora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 1999, pág. 545).

O homem sartreano é inteiramente liberdade e inteiramente possibilidade, embora sempre condenado a esta liberdade.

Estou condenado a ser livre. Significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da minha própria liberdade, ou, se preferirmos, que não somos livres para deixar de ser livres. (SARTRE, 1999, pág.543-544).

Assim como a pedra não pode deixar de ser pedra, pois sua essência é limitantemente e limitada, não dotando a mesma de liberdade e não se identificando com a liberdade, sendo essencialmente e apenas o que sua essência o limita a ser.

Quanto à limitação, Sartre abomina a ideia de Deus, justamente por considerar a ideia de criação e de um ser onisciente e presciente dar ao ser uma natureza pré-determinada e determinante, distante de sua ideia de liberdade que se faz justamente nessa ausência de definição, permitindo-o se definir no processo de escolha e autoconstrução.

Deus, da natureza, de “minha” natureza, da sociedade. Esses fins pré-formados e pré-humanos irão definir, portanto, o sentido de meu ato antes mesmo que eu o conceba [...] (Sartre, 1999, p.544).

Para ele:

A liberdade nada é senão a existência de nossa vontade ou nossas paixões, na medida em que tal existência é nadificação da facticidade, ou seja, existência de um ser que é seu ser à maneira do ter-de-ser. (JOLIVET, 1953, pág. 549).

## Cap. 6 - DISCUSSÃO

Para o filósofo parisiense o primeiro passo de uma filosofia deve ser retirar da consciência quaisquer tipos de conteúdos *a priori*, no processo que Edmund Husserl chamou de *epoché*. Para ele, segundo os passos de Husserl, para ir de encontro às coisas é preciso suspender os preconceitos e os sentimentos de tudo que não seja plenamente evidente. Deixar o ser falar o que ele é em si mesmo. Para tal, ele alia-se ao método fenomenológico.

Assim sua filosofia vai tomando forma e tem-se um método, embora ainda lhe falte o objeto (determinado posteriormente). Sartre era encantado com a realidade, a existência, e com toda a complexidade que o ser acarreta em si, além do mais, depois de Husserl, o filósofo contemporâneo que mais o influenciou foi Martin Heidegger.

Heidegger tinha se tornado o nome mais importante da *Existenzphilosophie* alemã, e um ponto de confluência entre a fenomenologia Husserliana e o existencialismo presente nas obras de Kierkegaard, Publicando em 1927 “Ser e Tempo”, pelo autor denominado de uma “analítica existencial” tomando o fenômeno da existência humana na sua concepção existencialista e descrevendo suas estruturas significativas essenciais, o mesmo que Sartre fará mais tarde em sua grande obra “O Ser e o Nada”.

Numa tentativa de superar o idealismo, Sartre delineará uma ontologia fenomenológica a partir de dois tipos de seres principais, fruto de sua própria análise fenomenológica, o *em-si* e o *para-si*. O *em-si* definido como um ser em si mesmo, opaco e sem fissura, um objeto material inanimado, e o *para-si* apresenta como principal marca a não coincidência consigo mesmo.

Enquanto que o *em-si* é o que é simplesmente, o *para-si* é dotado de consciência, capaz de subjetividade, consciência, de relacionar-se, de conflitos e principalmente de fazer-se. Não repousa em quaisquer tipos de determinismos, tendo por ideal ser Deus, ou seja, seres que constroem um sentido para o mundo e para a própria vida, em diversas situações que serão o plano de fundo para o qual o *para-si* exercera sua liberdade.



A liberdade se confundira com a própria essência do homem, distanciando se da liberdade proposta por Aristóteles, que a postula como um acidente, mas se aproximam em outro aspecto, para Aristóteles o homem é um animal racional, o que para Sartre é o *para-si*, o ser capaz de liberdade.

Da mesma forma que a sensibilidade não é redutível à simples vida vegetativa e ao princípio da nutrição, contendo um *plus*, que não pode ser explicado senão introduzindo ulteriormente o princípio da alma sensitiva, assim também o pensamento e as operações a ele ligado, como a escolha racional, são irredutíveis à vida sensitiva e à sensibilidade, contendo um *plus*, que só pode ser explicado introduzindo ulteriormente outro princípio: O da alma racional. (REALE, 2014, P.201).

Pois somente o animal racional é capaz de liberdade, e nisso ambos concordam, somente ele tem capacidade deliberativa intencional de escolha, o homem, um animal racional extrapola o simples agir por extintos e o *em-si*, e nisso ele é inteiramente liberdade, aliando capacidade de raciocínio com vontade e intenção na ação.

Pode-se dizer então que por mais que ambos postulem de maneira diferente, ambos chegam as mesma características com relação à essência do homem, (Racionalidade – *para-si*). O homem age segundo sua racionalidade, racionalidade esta que lhe permite deliberar, escolher, e ser livre.

Posto que uma pedra ou um animal irracional não tem capacidade intelectual, não possui intenção na ação e deliberação, seguindo tão somente seus instintos ou simplesmente agem sobre ela (*em-si*) sofrendo a ação, mas não podendo agir livremente, esta faculdade esta disposta somente ao homem.

Para Sartre a liberdade está na essência do homem, ele é a própria essência, não somente uma faculdade ou um acidente dele, ou proveniente de possíveis seres superiores levando em consideração que haja seres angelicais ou quais quer que seja só de natureza espiritual, mas o fato é que o homem é livre e condenado a ser livre.

Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. (SARTRE, 1978, pág. 9).

É livre até quando não se percebe livre, é livre até mesmo quando não se quer ser livre, é livre quando se usa da má-fé, é livre ao e para anular-se, e ao permitir-se ser alienado por outrem, abrindo mão da sua liberdade ainda que

não em sua total. É livre mesmo sendo escravo. Em todo agir do homem Sartre implica responsabilidade e liberdade.

Distanciando-se de outros pensadores, Sartre enxerga e postula que a liberdade é em si mesma, enquanto que para muitos a mesma seja vista como um meio para o qual. Um exemplo é a obra “O problema da liberdade” de Fulton J. Sheen: “esqueça-se a finalidade da liberdade, e a liberdade tornar-se-á absurda”. Pois para ele ninguém quer ser livre apenas para ser livre, desejando-a para algo, um fim.

Em outras palavras, querer estar livre do reumatismo nesse contexto é estar livre para andar, para Leão XIII “A liberdade da sociedade humana não consiste em cada qual fazer o que bem desejar, pois isso acabaria simplesmente em distúrbio e confusão, e acabaria na ruína do Estado.” Diante de todas essas implicações éticas que a discussão da liberdade sugere Sartre promete uma obra sobre ética. Nos Últimos capítulos da obra “O Ser e o Nada” Sartre dá indícios dessa possível obra, mas ela nunca chegou a ser lançada.

No entanto Sartre não postula uma liberdade como LIBERTINAGEM, ou um conceito aplicável apenas no mundo nas ideias, um conceito inaplicável, mas coerente e real, explicitando que a liberdade do homem esta sujeito a situação, que respeita o meio e as próprias limitações do homem, mas essas limitações não suprimem o homem, possibilita-o uma liberdade ainda mais essencial e radical, uma liberdade que independente do cenário esta no homem.

E este posicionamento sartreano é definido pelo próprio como liberdade situada, que muito lembra à metáfora de Zenão de Crisipo do cão atrelado a carroça e livremente escolhe segui-la podendo lutar contra, mas por um lapso de inteligência poupa a própria vida aceitando a influencia do meio e a situação em si. O que não suprime a liberdade, mas a deixa alinhada a vida real e concreta em situações.

Mas apesar de falar tanto sobre liberdade não diferenciou diretamente os tipo de liberdade seja ela: Moral, física ou psicológica dentre outras possibilidades, mas nas entrelinhas de suas obras debateu sobre elas, o tema foi tão latente que sua vida se tornou uma personificação coerente com aquilo

que ele defendia, sua busca por ser livre o fez um homem livre das amarras sociais, um homem dono de si e do próprio pensamento.

O pensador francês debruça-se sobre diversos conceitos e ao analisar o para-si e ser-em-si-para-si e ser-para-outro, nessa relação do em si com o outro e com o mundo ele vê o homem no mundo em relação com o mundo e os outros seres que nele habitam também, e os problemas que essa situação de relação resultam, percebendo a capacidade de alienação da liberdade que o outro pode ter sobre o ser que está nessa relação.

Porém como Jean-Paul faz uma supra valorização da responsabilidade, o mesmo abomina o refugiar-se em desculpas externas, como o nazista que mata dizer que estava cumprindo ordens, ainda aquele que cumpre o que lhe é ordenado, compete a ele em posse de sua liberdade não o fazer, e tendo feito, ser depositário de sua parcela de culpa, a liberdade não é apenas ausência de coação, mas o posicionar-se ainda que coagido.

No período da patrística e escolástica a liberdade foi debatida na perspectiva teocêntrica, e a liberdade foi colocada, sobretudo como uma relação entre o homem e Deus, e escreve Batista Mondim a respeito desse tema: a esse propósito nós nos perguntamos: porque Deus criou o homem livre, sabendo que ele abusaria desse dom (Agostinho)? Como é possível, pois, que o homem seja livre se Deus é a causa principal e última de cada coisa (Tomás)? E ainda nesse contexto cristão, Agostinho dá sua maior contribuição para o tema.

Na obra *De Libero Arbitrio* datado de 395, Santo Agostinho diferenciou claramente os dois conceitos. Livre Arbítrio e liberdade: O livre arbítrio é a possibilidade de escolher entre o bem e o mal; enquanto que a liberdade é o bom uso do livre arbítrio. Levando-se em consideração a vontade como inclinação e apetite. Sartre não entra no mérito da questão “livre arbítrio”, porém considera propriamente a liberdade em si.

Tirando o foco do teocentrismo, e não entrando no mérito da questão se existe Deus, Sartre dá à discussão por encerrada, partindo especificamente para o engajamento social, a aplicabilidade real e prática da liberdade, e ao postular a moralidade da ação a ver diretamente ligada a construção social, e tão somente isso, não apelando ou mesmo postulando a existência desse ser

supremo ou sua vontade, nesses termos, fazer o bem e ser livre, se é, por ser em si, não porque existe um Deus que assim o quer e assim o determina.

Nesses termos, Sartre dá diretamente a primazia ao homem, e não define uma ética absoluta, pois se na visão cristã o homem age em conformidade com Deus, na Sociedade, o homem age conforme a ética vigente, e, portanto mutável segundo cada tempo e necessidade. Tirando um possível dualismo entre fé e realidade, mas abrindo espaço para uma ética humanística.

Para ele a liberdade se desenrola através das múltiplas possibilidades que se abrem em seu horizonte no decorrer da vida, Uma ideia muito próxima da tragédia de Sófocles sobre Édipo: “Não se pode dizer que um homem foi feliz antes dele ter terminado sua vida.” Essa ideia reforça os princípios defendido por Sartre de que a existência precede a essência, e de que não se deve julgar um homem pois não podem falar de essência até que se tenha completado sua trajetória na vida, sua auto construção.

E pode-se dizer que nos termos mais arraigados da liberdade sartreana uma pessoa homossexual que responde a seus estímulos, no sentido amplo nem se poderia chamar de “opção sexual”, mas seria uma tendência natural de certos indivíduos, mas no que se refere a ma-fé ainda no sentido sartreano o indivíduo é livre para negar a própria libido, ou escolher não escolher ainda que sua ausência de escolha represente uma escolha.

O homem pode não conseguir escolher seus desejos, mas pode escolher negar-se diante deles ou ser livre para vivenciar conscientemente seus desejos, nisso consiste a liberdade sartreana, o homem em sua totalidade física, psicológica e histórica.

A consciência é liberdade, o agir é liberdade, o não agir é liberdade, e o próprio cerceamento da liberdade ainda que fisicamente é liberdade, porque não se tiraria se não houvesse, e ainda que preso se é livre, de mente. Sartre não chegou a postular, mas, seguindo sua linha de raciocínio pode-se dizer que de espírito também, ser livre é ser, é existir, e escolher-se. Nesses patamares conclui-se que ser livre é ser, simplesmente é, e esse modo de ser é o ser propriamente do homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem sartreano é puramente liberdade, essencialmente liberdade, e não podendo ser outra coisa se não livre, mas tamanha liberdade lhe causa angustia, pois é livre, mas também é responsável.

Tamanha responsabilidade de fazer-se e com isso fazer o mundo, causa-lhe espanto e dor, pois está sozinho no mundo, no universo sartreano não existe Deus concebendo o homem a sua imagem e semelhança, existe um homem jogado na existência que precisa construir sua própria essência, não existe nesse contexto válvula de escape, o homem é o que ele fizer de si.

Ainda que possa agir de má-fé, mesmo quando se abdica da responsabilidade de escolher, esta escolhendo não escolher, e essa escolha por omitir-se também é escolha e com isso consequência, responsabilidade, o homem que está sozinho no mundo tem o dever de agir, e nessa ação que por mais angustiante que venha a ser.

Assim como o próprio Sartre já havia prometido que sua próxima obra seria sobre ética, ao me deparar com sua maneira de abordar a liberdade pensei logo em suas inaplicações éticas. Infelizmente Sartre morreu antes de escrever tal obra, porém o que deixou escrito já abre uma grande margem para o questionamento.

A filosofia sartreana sempre trouxe consigo o pressuposto da ação do homem no mundo a fim de criar seu próprio modo de ser, mas levando em consideração que para Aristóteles o homem é um animal racional e a racionalidade resulta em liberdade, os dois não estão tão distantes, sendo assim a essência proposta pelos dois pensadores não se contrapõem, mas se completam.

A presente pesquisa iniciou-se pela vida e obra de Sartre, por mais que se supõe que quem procura ler sobre esse pensador já tenha uma base sobre o mesmo e seja acessível conhecê-lo através de livros ou uma pesquisa na internet, mas se fez necessário, pois falar de liberdade em Sartre é falar de

suas obras, é falar dele em sua plenitude, é falar de sua vida, como uma constante coerência de quem viveu o que pregou.

Ainda que o mesmo tenha escrito varias obras e com vários temas de fundo, este tema foi tão latente quanto seu respirar.

Alinhou-se ao método fenomenológico que embasou suas ideias e tornou-se seu ferramental básico, engajando-o cada vez mais as discussões que envolvem a beleza do existir, amante dos prazeres e da vida declarou-se existencialista, dedicou-se ao máximo aos temas da existência, a vivencia real e concreta, sobretudo a ação e a liberdade.

Engajado em questões políticas, foi um grande crítico em sua época, jornalista, escritor, ativista, falta adjetivos para definir tamanha versatilidade, com certeza um homem a frente de sua época capaz de pensar em um novo conceito de essência humana.

O homem sartreano é puramente liberdade, essencialmente liberdade, e não podendo ser outra coisa se não livre, mas tamanha liberdade lhe causa angustia, pois é livre, mas também é responsável.

Tal responsabilidade de fazer-se causa-lhe espanto e dor, pois está sozinho no mundo, no universo sartreano não existe Deus concebendo o homem a sua imagem e semelhança, existe um homem jogado na existência que precisa construir sua própria essência, não existe nesse contexto válvula de escape, o home é o que ele fizer de si.

E ainda que possa agir de má-fé, mesmo quando se abdica da responsabilidade de escolher, esta escolhendo não escolher, e essa escolha por omitir-se também é escolha e com isso consequência, responsabilidade, o homem que está sozinho no mundo tem o dever de agir, e nessa ação que por mais angustiante que venha a ser, que ele constrói sua essência e na medida em que se define escolhe também a humanidade.

Tamanhos conflitos resultam em uma existência consciente, mas, situada na realidade, logo em relação com sigo mesmo e com o outro e todos os problemas éticos que isso pode lhe acarretar, dando a entender no final de sua maior obra filosófica que sua próxima obra seria sobre ética. Infelizmente Sartre morreu antes de escrevê-la, porém o que deixou escrito já abre uma grande margem para vários questionamentos.

A filosofia sartreana sempre trouxe consigo o pressuposto da *ação* do homem no mundo a fim de criar seu próprio modo de ser no mundo, um *para-si* que em relação com o outro é para-o-outro, mas que não pode alienar-se a si mesmo, o ser idealizado por Sartre escolhe ser livre. Livre de tudo aquilo que pode aprisioná-lo, mas preso a aquilo que o liberta, a liberdade de estar sempre livre, em constante movimento e metamorfose. A liberdade em Sartre é uma prisão, preso a própria liberdade e suas responsabilidades.

## REFERÊNCIAL BIBLIOGRAFICO

ABBAGNANO, N. *História da Filosofia Vol. XIV*. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Existencialismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. [tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira; revisão Honório Dalbosco]. — São Paulo, Paulus, 1995.

BEAUVOIR, Simone. **A força da idade**. 2ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BOCHENSKI, I.M. **A Filosofia Contemporânea**. Editora Herder: São Paulo, 1962.

CASTRO, Emílio Silva. **Filosofia da hora e filosofia perene**. São Paulo: GRD, 1990.

CESAR, C.M. e BULCÃO, M. (Orgs.): **Sartre e seus Contemporâneos: Ética, Racionalidade e Imaginário**. Aparecida: Ideias e Letras, 2008.

COHEN-SOLAL, A. **Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

DANTO, Arthur C. **As ideias de Sartre**. Trad. de James Amado. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

FRAGATA, J. **Problemas da Fenomenologia de Husserl**. Braga: Livraria Cruz, 1962.

GILES, T.R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia, Vol. II**. EPU: São Paulo, 1975.

HEIDEGGER, M. **Ser Tempo parte I**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 39-40

HUSSERL, E. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

YAZBEK, A. C. **Cadernos de ética e filosofia política 7**, 2/2005, p. 141-164.

JOLIVET, R. **As Doutrinas Existencialistas: de Kierkegaard a Sartre**. Porto: Livraria TavaresMartins, 1975.



MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre vida e obra**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Fon-Fon e Seleta, 1967.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: F. Bastos, 1971.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**, [tradução do Italiano de Benôni Lemos; Revisão de João Bosco de Lavor Medeiros]. 9ª Ed. São Paulo: PAULUS, 2005. V.3.

\_\_\_\_\_. **O Homem Quem é ele?**. São Paulo, Paulus, 13ª Ed, 2008. P.133.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade. uma introdução à Filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PESSANHA, José Américo Motta. **Os Pensadores**. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do romantismo ate nossos dias**. 8ª Ed. São Paulo: PAULUS, 2007. V. 3.

REIMÃO, Cassiano. **Consciência, dialética e ética em Sartre**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ROVIGHI, S.V. **História da Filosofia Contemporânea – Do século XIX à Neoescolástica**. SãoPaulo: Edições Loyola, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada - Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis:Vozes,1997.

\_\_\_\_\_. **A Náusea**. Rio de janeiro: Nova fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. **Esboço de Uma Teoria das Emoções**. Braga: Editorial Presença, 1972.

\_\_\_\_\_. **O MURO**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

\_\_\_\_\_. **A Idade da Razão**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. **Esboço de Uma Teoria das Emoções**.Braga: Editorial Presença, 1972, p. 50

SHEEN, Fulton J. **O Problema da liberdade**. Rio de Janeiro, Agir 1956.

THODY, Philip. **SARTRE Uma introdução Biográfica**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1974.